

EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE DO TRABALHO

Congresso Online Nacional de Pedagogia, 3ª edição, de 07/03/2022 a 09/03/2022
ISBN dos Anais: 978-65-81152-45-1

BATISTA; Schirley Alves¹

RESUMO

EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE DO TRABALHO. A inovação permeia as instituições com criatividade e capacidade organizacional. E não poderia ser diferente com a esfera educacional que, contínua e paulatinamente, também se apropria da literatura gerencial que se apresenta envolvente e rica em subjetividades. Este estudo objetiva refletir sobre o uso de tecnologias, cada vez mais sofisticadas, nas práticas didático-pedagógicas, que demandam força de trabalho imaterial, investimento com capital humano, sob o prisma reificante que aponta para evidências de implementações de políticas neoliberais, na e pela Educação; bem como (re)configuram novas subjetividades, a partir de um discurso que aponta para um tipo de governamentabilidade em que o Estado desobriga-se de seus deveres sociais e faz crer o cidadão como detentor de uma capacidade empreendedora, como estratégia para a solução de crises político-educacionais. Afinal, a que tipo de governança está submetida a sociedade do conhecimento? A fim de atingir o objetivo mencionado, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, ancorada aos estudos de Foulcault (1984), denominado governamentabilidade; bem como de Nazzarato e Negri (2001) e Ferreira (2014), sobre teoria do capital humano. Ainda, o método da cartografia, trabalhado por Deleuze e Guattari (1984), foi utilizado para mapear os arquivos constituídos de artigos acadêmicos sobre o tema em estudo, que se justifica pela busca de pensamento crítico e de conhecimento teórico sobre educação, tecnologia e trabalho [imaterial]. Para tanto, foram mapeados alguns papéis atribuídos à Educação por meio de reformas ao ensino básico, médio, técnico (revigorado e catalogado pelo Ministério da Educação) e ao ensino superior, a saber: 1) a responsabilização pela inserção de discentes no mercado de trabalho pela porta do empreendedorismo; 2) o desenvolvimento de atividades, descritas nos Campos de Integração Curriculares, tais como, “Mundo do Trabalho” e “Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital”, baseadas no ensino/aprendizagem de habilidades e competências a serem trabalhadas desde o ensino básico, para a formação do sujeito contemporâneo: produtor, consumidor e comunicador; que não se apresenta como um sujeito passivo ou como aquele que vende sua força de trabalho, mas como um sujeito economicamente ativo, portador de um capital humano; 3) o processo de formação continuada de professores/mediadores; 4) a aproximação do

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG, schirleybatista@hotmail.com

empresariado por meio de parcerias público-privadas que se instalam nas universidades públicas. Conclui-se que, resta claro, a interferência do mercado, de organizações internacionais e nacionais nas reformas educacionais, evidenciando-se a crise do capitalismo, o qual se apodera da elasticidade que lhe é peculiar, para se reinventar, na e pela “Educação para o século XXI”, por meio da mercantilização do conhecimento, que se apoia nas práticas educativas inovadoras e no uso de tecnologias, atravessando escolas, universidades, sociedade, a partir de uma governança neoliberal, em que o Estado desobriga-se de uma Educação para formação humana e se volta para a produção de força de trabalho imaterial e para os mecanismos de controle social a fim de atender ao novo capital que, em nome do lucro, distancia a Educação do multiculturalismo e dos olhares plurais.

PALAVRAS-CHAVE: Palavras-chave: Educação, Governamentalidade, Tecnologia, Teoria do Capital Humano